



**POETICŪS**  
Revista de Poesias, Arte e Reflexões

**Vol. 4, n. 7 | jan/jun de 2017**

**Capa: Diney Vasco**  
[Expediente](#)

**Editorial:**  
Arte e Política  
03

**Poema Torto sobre o Carnaval**

Rubens Vinicius da Silva  
05

**Além das Possibilidades**

Valéria Ferreira do Nascimento  
Vagner Ferreira do Nascimento  
07

**Capricho**

Luiz Fernando Pereira De Oliveira  
08

**Sem Título**

Layla Aires  
09

**Mea Culpa)**

Jacques Prévert  
11

**Progresso**

Pierre Leroy  
12

**Ô Cão**

Mateus Ôrio  
14

**Cadê Meu Tempo que Estava Aqui?**

Átila De Menezes Lima  
17

**Análise Pictórica, Modos de Ver e Modos de Retratar**

Nildo Viana  
21

*Ano 04, numero 07, jan./jun. 2017*

[3]

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



A sociedade brasileira vive num momento tragicômico. A política invadiu a arte. Mas uma política mesquinha. Dois lados do mesmo lado se digladiando e agora querendo proibir manifestações do outro lado (e todos os lados que não seja o próprio lado...). O excesso de “lados” na escrita convive com a busca de monopólio por dois lados na sociedade concreta. Qual o seu lado? Não tem lado? Qual lado é pior? O lado conservador ou o lado progressista? E qual é o lado da arte?

O lado da arte deveria ser o da libertação humana, do humanismo, da humanização, da transformação social no sentido de permitir o desenvolvimento do ser humano onilateral. Nenhum dos dois lados aponta para isso. Por isso, seu extremismo falsificado, sua inteligência pouco inteligente, seu discurso sem fundamento, sua defesa indefensável, sua censura censurável. O lado conservador quer moral e respeito às crianças! Nós também queremos respeito às crianças, mas dispensamos a moral e o moralismo, em nome da ética. A arte deve buscar a qualidade, deve ser significativa. A arte não deve ser apelativa, fácil, mercantil, modista. A ideologia da autonomia da arte serve apenas para reproduzir a sociedade que destrói o que há de mais belo na própria arte. A arte não deve ser moralista e tanto faz se é a moral conservadora ou progressista, bem como não deve ser imoral e imoralista. A arte deve ser ética. A arte só é digna desse nome se for uma ética emancipadora. No mínimo, ela deve ser civilizada.

A moral progressista, muitas vezes, assume a moral do vale tudo, se aproximando do imoralismo. No vale tudo de certo moralismo progressista, a arte virou ringue de vale tudo político. O que está por detrás disso tudo? Eis a questão. A arte

*Ano 04, numero 07, jan./jun. 2017*

[4]



sendo politizada de forma despolitizada. E não só a arte, a educação também, como se pode ver hoje: conservadores querem impedir intelectuais progressistas de se manifestarem e os progressistas agora querem impedir também os conservadores do mesmo. Nesse caso, pelo menos, estão todos vestidos. Todos fantasiados e mascarados. Todas disfarçando seus reais interesses. No fundo, são apenas duas formas de ser “sem vergonha”. E dois lados de “sem-vergonhice”. Subjetivismo, intolerância, irracionalidade, agressividade. Eis o circo capitalista armado na política institucional, nas instituições de ensino e agora no âmbito da produção artística.

Nesse momento, cabe combatermos os dois lados, pois ambos estão do lado de lá. Cabe a nós defendermos uma politização da arte que não é reprodução do conservadorismo ou do progressismo, do vale tudo ou da censura, do moralismo ou do imoralismo. A arte venal, modista, apelativa, bem como a elitista, supostamente autônoma por ser arte, é de má qualidade e só serve para reproduzir a mediocridade e a sociedade que é sua geradora. Cabe a nós a apresentar uma alternativa concreta.

A alternativa hoje é produzir uma arte engajada (não-partidária, ou seja, um engajamento pela emancipação humana ao invés de disputa pelo poder estatal). A arte engajada, no entanto, deve ser de qualidade, deve apontar para um estágio superior de humanização e não cair no barbarismo. A arte engajada, no entanto, não substitui a teoria, a luta política, que ocorrem sob outras formas e em outros espaços. Ela faz parte da luta e tem um significado na luta. E uma das formas como pode realizar tal luta é não cair no canto de sereia do progressismo nem no conto do vigário do conservadorismo. A arte não deve ser apologética e sim crítica, não deve reproduzir o existente, seja do lado A ou B do disco, e sim encaminhar para sua superação artística da sociedade atual como contributo para sua superação prática.

